

# Metáforas e analogias: a construção da argumentação nas redações mais bem avaliadas da Fuvest 2013

(Metaphors and Similes: the construction of argumentation in the top-tier essays of the Fuvest 2013)

Aline Pereira de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

alinepsline@gmail.com

**Abstract:** In Brazil, among the admission tests of access to the higher ranking public Universities there is an argumentative essay, whose grade has had more and more value on the sum of the candidate's final grade. The corpus of this article is composed of texts available on FUVEST's website as examples of the best essays of the admission test for the undergraduate courses at USP (Universidade de São Paulo) in the year of 2013. The majority of these texts contain metaphors and similes. Based on the theories of Conceptual Metaphor and Image Schema, we intend to analyze the texts according to what has been proposed by Cognitive Linguistics and to understand how these uses contributed to the texts being evaluated as top-tier, i.e., to recognize the role of metaphors and similes in the best essays of this renown admission test. **Keywords:** argumentation; argumentative essay; metaphor; cognitive linguistics.

**Resumo:** No Brasil, dentre as provas de acesso às universidades públicas de excelência, há a proposição de uma redação do gênero dissertativo-argumentativo, cuja nota tem tido cada vez mais peso na soma da nota final do candidato. São as redações disponibilizadas pela Fuvest em seu site, como exemplos das melhores redações do exame para ingresso na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 2013, que compõem o corpus desse artigo. Tais textos, em sua maioria, apresentam, em sua composição, a utilização de metáforas e analogias. Com base nas teorias da Metáfora Conceptual e dos Esquemas de Imagem, objetivamos analisá-los à luz das reflexões propostas pela Linguística Cognitiva e entender em que medida tais usos fizeram com que esses textos pudessem ocupar a posição que lhes foi atribuída – a de melhores redações de um exame de proporções gigantescas.

**Palavras-chave:** argumentação; dissertação-argumentativa; metáfora; linguística cognitiva.

## Introdução

Para comprovar a utilidade das metáforas e analogias na construção da argumentação nas produções textuais, resolvemos analisar criticamente as redações elencadas como as melhores da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular) do exame de 2013 e verificar em que medida as metáforas e analogias são presentes em tais textos e, também, em que medida auxiliam na construção da argumentação.

Queremos utilizar tais análises como argumentos para o fato que essas considerações devem ser levadas à sala de aula, já que podem otimizar o processo de escrita de textos argumentativos por parte dos alunos.

Escolhemos analisar as redações da Fuvest porque pertencem ao gênero dissertação argumentativa (o pressuposto básico é que há argumentação nesses textos) e são divulgadas no *site* da instituição ([www.fuvest.br](http://www.fuvest.br)), o que não acontece, por exemplo, nem com a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), nem com o

Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que também requisitam a produção do mesmo gênero.

A análise também será muito mais qualitativa que quantitativa, embora possamos contabilizar esses números, se adequado for.

### **Análise da proposta**

No ano de 2013, na prova para o acesso em 2014 na USP, o tema da redação, estabelecido pela banca da Fuvest, sugeria que os alunos pensassem na ideia do consumismo e sua relação com a felicidade.

Diferentemente dos anos anteriores, essa proposta não trazia o tema explícito, o vestibulando deveria extrair-lo a partir da leitura atenta da proposição.

O texto-base, por sua vez, era composto de linguagem mista: a foto de um *shopping* com algumas pessoas carregando sacolas e, no canto inferior direito da imagem, uma mensagem verbal dizendo: “Aproveite o melhor que o mundo tem a oferecer com o cartão de crédito X”.

Após esse texto misto, a Banca trazia uma proposição motivadora explicando de onde foi extraído o tal texto publicitário, bem como as alterações feitas na versão original (a omissão da marca).

É interessante perceber que a proposta tenta prezar pela capacidade de interpretação textual do vestibulando, não só na leitura do texto publicitário, principal motivador, mas também na leitura da própria proposta, já que, no segundo parágrafo do texto verbal, podemos ler o seguinte: “Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.”

Era importante, como reflexão motivadora, que o candidato pensasse a respeito desses pressupostos e implicações anunciados: qual seria essa mentalidade expressa, bem como a visão de mundo e a escolha de valores. Era necessário que o vestibulando fosse capaz de relacionar a ideia das compras, evocada pela imagem do *shopping* com seus clientes carregando sacolas, à ideia de felicidade, evocada pela frase-verbal “o melhor que o mundo tem a oferecer”, que poderia, por sua vez, ser aproveitado por meio da utilização do cartão de crédito X, que daria ao consumidor a possibilidade de acesso a esses bens.

Em outras palavras, é possível dizer que tal texto-base possibilitava ao candidato extrair a mensagem de que comprar seria uma das melhores coisas da vida, e a respeito dessa ideia, ele deveria refletir e posicionar-se crítica e argumentativamente.

### **Considerações a respeito do que foi encontrado nas redações analisadas**

Foram lidas e analisadas as vinte e sete redações disponibilizadas pela própria Fuvest em seu *site* (<http://www.fuvest.br/vest2013/bestred/bestred.html>).

Desde o início, chamou nossa atenção a presença marcante de metáforas e analogias em quase todas elas, em maior ou menor proporção.

Quisemos, portanto, pensar de que maneira esses “recursos” funcionam como recursos retóricos e compreender de que maneira isso corrobora para tornar esses textos argumentações efetivas, e, por extensão, de sucesso.

Também nos interessa e chama a atenção o fato de que entre milhares de redações, essas vinte e sete que foram escolhidas para figurar como sendo “as melhores” puderam apresentar o uso recorrente tanto da metáfora quanto da analogia.

Sendo assim, defendemos a hipótese de que ambos artifícios contribuem para o sucesso da argumentação e devem, portanto, ser ensinados e utilizados, para que os alunos se tornem melhores leitores e escritores dos textos que os circundam.

### **Pressupostos teóricos de análise**

Como já dito, sabe-se que toda prova de redação é, antes de mais nada, uma prova de leitura, à medida que exige do aluno-produtor que, primeiramente, entenda as instruções a respeito do que deve escrever.

Quando a proposta de redação traz consigo um texto-base, mais ainda é necessário que sejam mobilizados conhecimentos para a construção da apreensão dos sentidos veiculados por tal texto.

Sobre o processo de leitura, Koch, uma das maiores estudiosas da questão no Brasil, chama nossa atenção para o fato de que

[...] **o sentido** de um texto é **construído na interação texto-sujeitos** e não algo que preexista a essa interação. A **leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior de um evento comunicativo. (KOCH, 2006, p. 11, grifos da autora)

A autora ainda se refere, ao fazer apontamentos sobre o processo de leitura, à importância dos conhecimentos que o leitor já traz consigo, quando da atividade de contato com o novo texto, o que nós, também, julgamos ser de extrema importância para o bom desempenho do candidato, principalmente quando a proposta não traz o tema motivador sintetizado e de maneira explícita, mas que deve ser apreendido a partir da leitura.

Segundo ela,

Na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com seu conteúdo. Mais ainda: processamos, criticamos, contrastamos e avaliamos as informações que nos são apresentadas, produzindo sentido para o que lemos. (KOCH, 2006, p. 18)

Creemos, também, naquilo que Koch aponta sobre esse processo de produção de sentidos. Ela chama nossa atenção para o fato de que “A leitura e a produção de sentido

são atividades orientadas por nossa bagagem sócio-cognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências)” (KOCH, 2006, p. 21).

Sobre a competência leitora e o processo de apreensão dos sentidos, Koch (2006, p. 21) afirma que,

[...] durante o processo de leitura, não se fala de encontrar o sentido, mas um sentido, já que sabe-se que há diversas leituras, embora essas não sejam infinitas, já que [...] o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentido as “sinalizações” do texto, além dos conhecimentos que possui.

É bem como dissemos há pouco, quando da análise da proposta de redação que discutimos: caso o candidato não leve em conta os pressupostos, as implicações e não relacione as informações apresentadas, ou seja, não esteja atento às sinalizações do texto, será bem difícil que consiga compreender a proposta e refletir a respeito das ideias sugeridas para discussão, o que configurará fuga de tema e, portanto, uma nota ruim na avaliação global. Esse não é o caso das redações que escolhemos avaliar.

Aliás, é importante ressaltar que é possível afirmar que as redações por nós avaliadas conseguiram, com sucesso, decodificar tais sinalizações textuais, haja vista que puderam refletir sobre a questão proposta e, a partir disso, puderam desenvolver suas argumentações.

## **Metáfora e analogia segundo a Linguística Cognitiva**

Utilizamos para nossa reflexão as “ferramentas” fornecidas pela Moderna Linguística Cognitiva, uma visão de análise linguística atual que constata a grande capacidade de realizar projeções do cérebro humano, capacidade essa que faz parte da cognição humana e que é e sempre foi fundamental para nossa sobrevivência.

A metáfora é uma das questões centrais estudadas pela Linguística Cognitiva, área da ciência desenvolvida a partir da década de 1970, cujos estudos baseiam-se no pressuposto central de que a linguagem reflete padrões de pensamento (EVANS; GREEN, 2006, p. 5).

Estudos de Fauconnier e Turner (2002), Gibbs Jr. e Steen (1999), Lakoff e Johnson (1980, 1999), Kövecses (2002) e Turner (1996) mostram que é por causa das projeções que podemos utilizar textos literários não só como leitura de entretenimento, mas também, em alguns casos, para educar, moralizar e persuadir, já que as projeções facilitam a transmissão das mensagens, normalmente.

É perceptível, também, que essa função de “ferramenta” de argumentação pode ser usada por diversos outros textos que não só os literários, conforme pretendemos mostrar. Assim, a metáfora é um processo de projeção muito utilizado como “estratégia argumentativa” e quase onipresente no discurso.

É com a publicação da obra *Metaphors we live by* (1980), de Lakoff e Johnson, que a metáfora passou a ser tratada como processo fundamental que ocorre no uso da linguagem do dia a dia. Eles chamaram a atenção para a sua onipresença no discurso cotidiano e a importância central que elas têm na estrutura da linguagem. A partir desses

estudos, a metáfora não mais foi considerada apenas um recurso de estilo, ou uma figura de linguagem usada apenas para “embelezar” um texto.

Dessa forma, de acordo com esses autores, a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo.

Abreu (2010) chama nossa atenção para o fato de que esse estudo foi de suma importância para nos fazer pensar que a metáfora não é apenas figura de linguagem, mas um recurso conceptual largamente utilizado pelos seres humanos em seu dia a dia, principalmente quando entram em ação nossas emoções. Além disso, é importante considerar que o uso das metáforas independe de idade e escolarização, o que é fator importante e interessantíssimo, que deve nos motivar a trazer tal discussão em sala de aula.

O autor ressalta, ainda, que é importante a contribuição dessa obra no que diz respeito à definição da metáfora, como sendo entender e experienciar uma coisa em termos de outra (ABREU, 2010).

Em outras palavras, a metáfora implica um mapeamento entre domínios em que se escolhe propor algo mais concreto em um domínio-fonte e transpõe-se para algo menos concreto em um domínio-alvo, assim, alguns itens dos *frames*<sup>1</sup> são transpostos de um domínio a outro.

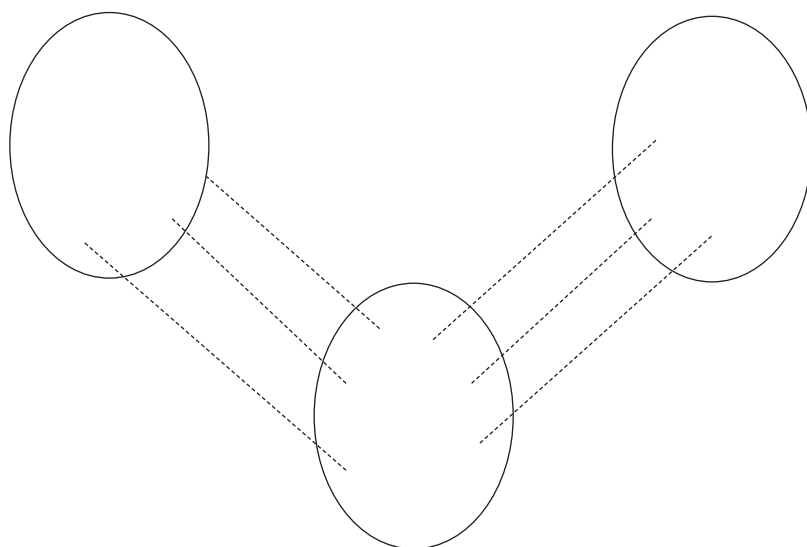
Com o passar dos anos, muitos outros teóricos continuaram estudando a metáfora sob essa perspectiva. O conceito de *blend* (mesclagem) em cuja aplicação e estudo também nos baseamos neste trabalho, aparece depois e vem para dar conta da seleção de elementos, pois é o *blend* que explica metáforas em que alguns dos traços do *frame* são desabilitados, conforme diz Abreu (2010).

Um *blend*, segundo Turner (2014, p. 6), é um novo espaço mental que contém alguns elementos de diferentes espaços mentais (os espaços de entrada) numa teia mental, mas que desenvolve o seu novo significado próprio.

As metáforas, também, podem ser entendidas por meio do processo do *blend*. Por esse processo, teríamos os seguintes espaços em conexão: *Input* 01 (espaço de entrada 01), ideia que é mais literal, concreta; *Input* 02 (espaço de entrada 02), ideia que é mais abstrata; e Espaço “blend”, significado emergente, que resulta da mesclagem e da relação entre os dois conceitos, conforme se pode visualizar na Figura 1:

---

<sup>1</sup> *Frames* são definidos por Kövecses (2006, p. 69) como sendo construtos da nossa imaginação e não representações mentais que se encaixam diretamente em uma realidade objetiva preexistente. Resumindo, *frames* são dispositivos imaginativos da mente. (No original: *Frames are constructs of our imagination – and not mental representations that directly fit a preexisting objective reality. in short, frames are imaginative devices of the mind*).



**Figura 1.** Exemplo de esquema *blending* e seus espaços, conforme Turner (2014).

No modelo do *Blending*, fica claro que nem todas as características do *frame* do domínio de origem (*input 1*) costumam ir para o domínio-alvo (espaço *blending*). Pode-se dizer, nesse caso, que algumas características são “desintegradas”, a depender da metáfora construída.

Estudando as metáforas, Lakoff e Johnson constataram que existem algumas, quase sempre as mesmas, que são empregadas regularmente em diferentes línguas do mundo, a partir de domínios conceituais que configuram organizações coerentes da experiência humana e que representam a maneira como pensamos e agimos.

Essas metáforas são empregadas frequentemente para entender teorias e modelos, ligando uma ideia a outra, para garantir uma melhor compreensão. Elas receberam o nome de metáforas conceituais ou metáforas cognitivas. Entre elas destacam-se as Metáforas Primárias propostas por Grady (1997) e Lakoff e Johnson (1999), como os exemplos abaixo que podem ser ouvidos no dia a dia.

Afeição é calor: *Ela abraçou o namorado calorosamente.*

Importante é grande: *Ele é um grande homem.*

Felicidade é para cima: *Ela é uma pessoa que está sempre para cima.*

Intimidade é proximidade: *Ela é muito próxima a mim.*

Dificuldades são pesos: *Essa tarefa está pesada.*

Similaridade é proximidade: *Essa resposta está bem próxima da resposta correta.*

Escalas lineares são trajetos: *Essa dor vai além do que eu suporto.*

Organização é estrutura física: *Agora que as peças dessas histórias se encaixaram, pude entender.*

Ajuda é sustentação: *Eu sustento minha família.*

Tempo é movimento: *O tempo voa.*



Estados de espírito são espaços físicos: *Estou perto de uma depressão, a próxima coisa que der errado vai me pôr na beira do abismo.*

De acordo com esses autores, as experiências que fundamentam as metáforas primárias são adquiridas ao longo da vida, desde a infância. Por exemplo, quando crianças, somos pequenos e as pessoas importantes para nós normalmente são adultos, logo *importante é grande*, ou, em outro exemplo, quando estamos no colo dos pais, sabemos que o conforto é colo e o colo é quente, logo *afeição é quente*.

Assim, a ideia de que alguns conceitos podem ter estrutura metafórica é referido por Lakoff e Johnson como a Teoria da Metáfora Conceptual. Essa teoria centra-se na metáfora como um dispositivo cognitivo que atua como um modelo para expressar a natureza de outras ideias/formas mais difíceis de conceituar.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), portanto, na visão de metáfora conceptual, a metáfora é um processo cognitivo que nos ajuda a conceptualizar a nossa experiência por meio da criação de correspondências entre as coisas facilmente compreendidas e outras mais difíceis de entender.

É fundamental notar que as metáforas conceptuais estão quase sempre ancoradas na experiência corporal. Para Lakoff e Johnson (1999, p. 22) os conceitos humanos não são reflexos da realidade externa, mas tomam forma através de nosso corpo e cérebro, principalmente pelo nosso sistema sensorio-motor e, portanto, isso seria a corporificação: a apreensão do mundo com base em nossas experiências corporais.

Sendo assim, dentre as projeções, existe o conceito de Esquemas de Imagem, que, de acordo com Johnson (1987), Lakoff e Johnson (1999) e Abreu (2010), são padrões estruturais recorrentes em nossa experiência sensorio-motora, que, quase sempre, servem para estruturar conceitos complexos. É como se para apreender o mundo nós utilizássemos como base nosso próprio corpo.

Alguns esquemas de imagem com os quais lidamos cotidianamente são: EQUILÍBRIO (*BALANCE*); PERCURSO (composto de três elementos: ORIGEM, TRAJETO e META (*SOURCE, PATH, GOAL*); CONTATO (*CONTACT*); BLOQUEIO (*BLOCKAGE*); DINÂMICA DE FORÇAS (*FORCE-DYNAMICS*); *CONTAINER* (com as “partes” dentro, fora, fronteira).<sup>2</sup>

É visível que, constantemente, utilizamos expressões em que nos valemos das nossas experiências corporais para atribuir significados a elas e, então, entram em cena os esquemas de imagem acima referidos. Quando dizemos, por exemplo: “A minha vida não vai para frente”, estamos usando o esquema de imagem do PERCURSO.

Quando um falante produz um enunciado como o acima, em comunicações cotidianas, normalmente o que quer dizer é que as coisas não estão sendo prósperas na vida dele, ou seja, não há conquistas ou coisas agradáveis. Entende-se, portanto, que esse uso não pretende que o interlocutor compreenda o enunciado “ao pé da letra”, pensando que a vida é algo animado que se move em direção à frente.

É diferente, por exemplo, da situação em que se pede uma indicação de localização a alguém. Suponhamos que uma pessoa qualquer esteja procurando um determinado es-

---

<sup>2</sup> Por convenção, os nomes dos esquemas de imagem são grafados em letras maiúsculas.

tabelecimento comercial e, sem ter certeza da exata localização do endereço, pergunta a uma outra qualquer onde tal estabelecimento pode ser encontrado. Caso a resposta da pessoa seja algo do tipo “Siga em frente”, agora não temos mais um esquema de imagem, haja vista que a afirmação é literal: você deve seguir adiante para encontrar o destino pretendido.

É importante notar, entretanto, que há algo que liga o uso literal dessa expressão ao uso do esquema de imagem: em ambos os casos, subjaz a ideia de progresso, no trajeto-percurso. Quando há o uso metafórico no exemplo da “vida que não vai para frente”, entende-se, conforme já explicamos, que a pessoa quer dizer que sua vida não progride. Ou seja, há a ideia de avanço (encarada como algo bom) *versus* a ideia de retrocesso (encarada como algo ruim). Já no exemplo literal, da procura da localização de um estabelecimento que se encontra algumas quadras à frente, também é necessário que haja um progresso para que se chegue aonde se pretende.

Percebe-se, portanto, que em ambos os exemplos, tanto no uso literal quanto no uso metafórico, que o esquema permanece no domínio espaço físico.

Abreu (2010) nos dá alguns exemplos de outros esquemas de imagens, como:

EQUILÍBRIO: *Aquele professor é um desequilibrado!*

LIGAÇÃO: *Mantenha contato!*

DINÂMICA DE FORÇAS: *Procure não bater de frente com as autoridades.*

EXCESSO: *Aquele problema foi a gota d’água.*

A corporificação é um conceito que caracteriza a experiência utilizado em larga, escala tanto nos textos escritos como principalmente em nossas conversas diárias. É, inclusive, interessante de se notar que até pessoas não letradas utilizam esse recurso em suas falas cotidianas. Se sairmos às ruas e perguntarmos às pessoas o que significa a expressão anteriormente usada (“A minha vida não vai para frente”) elas, certamente, terão explicações bem plausíveis e próximas, tais como: “Você quer dizer que sua vida não evolui, que nada de melhor acontece nela, etc.”

A questão cultural é bem presente na construção de enunciados metafóricos. Aqui no Brasil, pelo gosto exagerado pelo futebol, comprovando o que apontam os autores, nós utilizamos várias metáforas futebolísticas no dia a dia, como: *Lupo dribla setor em crise e cresce transformando peça básica em moda.*<sup>3</sup> Esse é apenas um dos vários exemplos encontrados em uma busca rápida pela internet.

Interessante também é verificar que, conforme Abreu (2010) chama a nossa atenção, na metáfora, juntamente com traços, são transferidos também valores do domínio-fonte para o domínio-alvo. Esses valores podem provocar a persuasão do leitor.

O propósito do uso da metáforas, conforme apontado por Abreu (2010) e Lakoff e Johnson (1980) é o fato de que elas podem potencializar a comunicação e a argumenta-

---

<sup>3</sup> TURIONI, Felipe. Lupo dribla setor em crise e cresce transformando peça básica em moda. *GI Araraquara e Região*. 01 jun. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/araraquara-regiao/noticia/2012/06/lupo-dribla-setor-em-crise-e-cresce-transformando-peca-basica-em-moda.html>>. Acesso em: 13. jun. 2012.



ção, por extensão, já que facilitam a compreensão de conceitos abstratos, ao concretizá-los em termos de outro conceito relacionado.

A analogia, por sua vez, é definida como uma comparação baseada na similaridade percebida (EVANS; GREEN, 2006, p. 98). Segundo os mesmos autores, uma analogia ocorre a partir de *blends* de redes de integração distintos (p. 423). Por analogia, em linhas gerais, entende-se como sendo uma relação de similaridade. Algumas metáforas, inclusive, seriam baseadas na analogia, e outras, ainda, baseadas na desanalogia.<sup>4</sup>

Na *Enciclopédia das Ciências Cognitivas do MIT* (WILSON; KEIL, 1999, p. xlvii), encontramos analogia sendo definida como o processo usado para obter correspondências estruturais sistemáticas entre uma situação bem conhecida e compreendida de uma desconhecida, pouco compreendida, e, em seguida, usando essas correspondências para fazer inferências plausíveis sobre os casos menos familiarizados.

Nesse mesmo material (WILSON; KEIL, 1999, p. 17-19), encontramos uma entrada para o “verbete” que o define como sendo muito importante, pois as analogias permitiriam a transferência entre diferentes conceitos, situações ou domínios e seriam usadas para explicar novos tópicos, e assim, uma vez aprendidas, poderiam servir como modelos mentais para a compreensão de novos domínios.

Nessa definição, ainda, os autores chamam a atenção para o fato de que a analogia seria também usada na comunicação e na persuasão, quesito que muito nos interessa. A questão central da analogia estaria no processo de mapeamento pelo qual as pessoas entenderiam uma coisa em termos de outra.

Para Hofstadter e Sander (2013, p. 50), a própria essência de uma analogia é que ela mapeia uma estrutura mental para outra estrutura mental.

De qualquer forma, é importante ressaltar que tanto a analogia quanto a metáfora desempenham papéis importantes como estratégias argumentativas na medida em que concretizam aquilo que é mais abstrato e podem, por vezes, didatizar a compreensão de conceitos por parte do leitor.

Seu uso em textos argumentativos, portanto, pode potencializar a argumentação e tornar os textos mais atrativos.

Pensando na prática docente, acreditamos que mais importante que apresentar esses conceitos aos alunos, é o fato de fazê-los perceber o quanto ambos são presentes nos textos a que eles têm acesso no dia a dia e o quanto é relevante que eles sejam capazes de decodificá-los, interpretá-los e perceber suas funções nos textos, a fim de apreender melhor os sentidos sugeridos e serem mais claros na expressão de suas ideias.

---

<sup>4</sup> Afirmação baseada no seguinte trecho: “A blended network is constructed in the following way: there are input spaces corresponding to the two contrasting situations, links of analogy, disanalogy, and identity between them, and projection of the frame of morning activities from both inputs to the blend” (TURNER, 2007, p. 387).

## Comentários a respeito de um texto do *corpus*: aplicação prática e considerações finais

Conforme já apontado, realizamos a análise crítica das 27 redações que compõem a página que exemplifica “As melhores do ano de 2013”, entretanto, resolvemos ilustrar nossas reflexões com a redação de número 27, apresentada pela página.

Essa redação tem como título “Tenho, logo existo”, em evidente referência à frase célebre de René Descartes “Penso, logo existo”. Já é perceptível, inclusive no título, a analogia construída pelo autor, quando usa da intertextualidade. É como se, ao querer que seu leitor busque em seu conhecimento de mundo a frase a que ele faz referência, ele quisesse comparar essas duas máximas: se, para Descartes, o pensar é que determinava a existência, nesse texto, ele irá defender que, na sociedade contemporânea, é o comprar que cumpre essa tarefa.

Logo no primeiro parágrafo do texto, vemos que o aluno traça uma comparação entre o que acontece com o homem que se deixa encantar pelo canto da sereia à atitude dos homens contemporâneos. O candidato inicia seu texto valendo-se da história do mito grego das sereias, mostrando que tal encanto leva o homem à ruína. Seu propósito é mostrar que assim também poderá acontecer conosco, se nos deixarmos encantar pelo consumismo. Sendo assim, a história-alvo, então, é aquela que será compreendida a partir da história de origem, que é aquela que é contada. Vimos, portanto, o uso de uma analogia para iniciar o texto e para fazer com que pensemos nas nossas atitudes a partir dessa história.

É interessante notar que, antes de introduzir sua tese, o autor já se vale de uma analogia para deixar claro o ponto de vista que será defendido por ele. É, inclusive, na explicação dessa analogia, que ele já evidencia sua tese: “O capitalismo apresenta desencadeamentos que também levam o homem à ruína: o consumismo, a valorização do ter em detrimento do ser e a efemeridade das relações”.

Essa analogia, inclusive, pode ser observada à luz da teoria do *Blending*, já que o canto das sereias é apresentado como análogo ao capitalismo: com o potencial de iludir e resultar em desfecho ruim para o homem.

No segundo parágrafo do texto, o candidato argumenta por meio da exemplificação ao utilizar, enquanto referência para o ato de comprar como sendo um passatempo, o seriado *Gossip Girl*. Nesse momento do texto, ele também deixa claro o seu repertório, tanto por conhecer tal seriado e conseguir relacioná-lo à temática e às ideias expressas, quanto também seu conhecimento de atualidades, ao citar exemplos de casos de escravidão moderna. Esse parágrafo é concluído com a metáfora de que o dinheiro passou a comprar felicidade. Sabemos que, literalmente, isso não é possível, já que o dinheiro pode comprar produtos que podem deixar o homem sentindo-se mais feliz, entretanto a felicidade não é um produto específico que pode ser adquirido.

No parágrafo seguinte, o candidato vale-se novamente da argumentação pelo exemplo, usando dessa vez uma referência a uma obra literária, para ilustrar que amizades duradouras e sem interesse quase não têm espaço na sociedade contemporânea. Para isso, ele mais uma vez compara: cita a amizade entre Berta, Miguel e Linda, jovens personagens da obra *Til*, de José de Alencar (à época, leitura obrigatória para o exame) e compara com as amizades contemporâneas que, segundo o autor, dificilmente estão

isentas do fator econômico. Para ilustrar isso, vale-se outra vez de uma metáfora ao dizer que “o estabelecimento de novos laços entre as pessoas agora tem a paridade econômica como pedra angular”.

É interessantíssimo notar que há duas metáforas utilizadas para referir-se à amizade: a metáfora da amizade como laço e a metáfora da pedra angular, pedra essa elementar e que serve como base para o início de uma obra/construção.

No quarto parágrafo do texto, o vestibulando utiliza a argumentação pela citação, valendo-se das ideias do sociólogo contemporâneo, Zygmunt Bauman, como citação de autoridade, para dar força argumentativa a seu texto e seu conceito – também metafórico – de sociedade líquida, que “solubilizaria” os laços entre as pessoas. De maneira geral, seria isso que faria das relações sociais contemporâneas tão efêmeras e vulneráveis, argumento reaproveitado pelo candidato. Em adição a esses laços vulneráveis, quando haveria ascensão econômica, a pessoa seria “alçada” a outra categoria social (outra metáfora, referente ao popular “subir na vida”). Para concretizar tal ideia, nesse momento, o candidato cita como exemplo os ganhadores da Mega-Sena que teriam mudado de classe social e, conseqüentemente, segundo ele, de círculo de relações.

No último parágrafo do texto, o autor conclui suas ideias reafirmando a tese apresentada no primeiro parágrafo do texto e explicando o título, deixando a analogia anunciada muito mais clara. Conclui ele: “Se Descartes vivesse no século XXI, alteraria sua afirmação para ‘Tenho, logo existo’”.

Pudemos perceber, por meio dessa sintética análise, que teve por objetivo ilustrar todas as reflexões por nós apresentadas, que o uso de metáforas e analogias é uma ferramenta muito valiosa, utilizada por vários escritores para defenderem suas opiniões de maneira convincente e eficiente e que pode ser aproveitada pelos alunos.

Essa constatação nos fornece mais um argumento a favor do trabalho com essas projeções em sala de aula, já que tal contato pode otimizar o processo de escrita de textos argumentativos por parte dos alunos.

No caso da redação utilizada como exemplo de análise e reproduzida no Anexo, quisemos mostrar que é muito importante que o professor incentive o aluno a reconhecer tais usos nos textos autênticos para que possa incorporá-los em seus futuros textos, já que parece que essas projeções são, em grande parte, responsáveis pelo sucesso argumentativo dos textos em questão.

Acreditamos, portanto, que não deve ser desmotivada a presença da analogia e da metáfora nos vinte e sete textos analisados e apresentados como os “Melhores da Fuvest 2013”.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê, 2010.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers London, 2006.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

- GIBBS Jr., R. W.; STEEN, G. J. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1999.
- GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.
- HOFSTADTER, D.; SANDER, E. *Surfaces and essences*. Analogy as fuel and fire of thinking. New York: Basic Books, 2013.
- KOCH, I. G. V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. Ingedore Villça Koch e Vanda Maria Elias. São Paulo: Contexto, 2006.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
- TURNER, M. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. Conceptual integration. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The origin of ideas: blending, creativity and the human spark*, Oxford: Oxford University Press, 2014.
- WILSON, R.A.; KEIL, F. C. *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. MIT Press: Massachusetts, 1999.

## ANEXOS

1. Proposta de Redação da FUVEST 2013. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2013/bestred/temared.html>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

### REDAÇÃO



Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

#### Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.



2. Redação Tenho logo existo. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2013/bestred/124678.html>>. Exemplo 29. Acesso em: 3 jan. 2014

01 Tenho, logo existo

02 No mito das peias, o inevitável canto das criaturas atrai os marinheiros em

03 direção aos rochedos que circundam a ilha em que elas estão entrancheiradas, inevitavelmente

04 perde o naufrágio das embarcações e desfecho. A música sendo emitida por

05 essas peias tem analogia na contemporaneidade: o capitalismo. Essa moda de produção

06 apresenta três desencadeamentos que também levam o homem à ruína: o consumismo,

07 a valorização do ter em detrimento do ser e a efemeridade das relações.

08 O consumismo é o responsável pela profusão de febreis e shopping centers que

09 permeia a sociedade atual. Comprar tornou-se o principal passatempo — tal qual distavam se-

10 rviados como "foxy fit" — e também a raiz dos demais problemas capitalistas. A hipervalorização

11 da aquisição de produtos originou a "exatidão moderna" de pessoas em febreis, empre-

12 gada como método para baratear custos e ampliar a produção, e os golpes de lojas pe-

13 diadas na rede a consumidores ávidos por descontos momentâneos, irreais. Apesar disso,

14 o dinheiro passou a comprar felicidade.

15 Empresas capitalistas desenvolvem novos produtos constantemente e o prazer instantâneo

16 proporcionado por uma nova televisão ou geladeira acaba por suprir-se as delícias duradouras de

17 uma amizade. Assim, o nível de felicidade atribuído a uma pessoa baseia-se primordialmente em

18 suas poses, e não em sua essência. Essa lógica insidiosa também rotineia o estabelecimento de <sup>novos</sup> ~~novos~~

19 laços entre as pessoas, agra tendo a paridade econômica entre seus integrantes como pedra <sup>emprego</sup> ~~emprego~~

20 Rarizam-se amizades como a entre os personagens Berta, uma menina pobre, e Linda e Afonso,

21 ricos irmãos, da obra alemã "Lol".

22 Uma nova característica das relações sociais é acompanhada pela efemeridade. Segundo o peis

23 logo plonês Zygmunt Bauman, a sociedade líquida contemporânea pulveriza os laços entre

24 as pessoas de fato, a manutenção da relação entre dois indivíduos está sujeita à continui-

25 dade de ambos no mesmo patamar econômico. A ascensão financeira de uma das pessoas

26 imediatamente a alça a uma nova categoria de sociedade, consequentemente, as relacões

27 namento com indivíduos mais pujantes, como ilustra a trajetória de antigos premiados pela

28 revista *Time*.

29 O capitalismo inerente à maioria das sociedades contemporâneas traz consequências <sup>atrativas</sup> ~~atrativas~~

30 para seus cidadãos. A felicidade atribuída ao ato de comprar desmenciona diversas mazelas

31 sociais, entre elas a propensão do "ter em relação ao ser". Assim, tendo seu valor intrín-

32 seco associado às poses, as pessoas começam a relacionar-se de forma efêmera, em um mundo

33 onde apenas os embriagados vivem prazerosamente. Se Descartes vivisse no século XXI, al-

34 teria uma afirmação para "Tenho, logo existo".

Redação - FUVEST 2013